

hipóteses de século

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 9 • 2009

milhões [na Segunda Guerra Mundial] de mortos pusera a atmosfera a vibrar, uma emissão mística que corroía os vivos como uma culpa sem limites», ou «Estamos desenraizados porque temos de escolher entre catorze tipos de molhos», ou ainda «O insucesso duradouro da Europa é que seria um milagre que daria que pensar».

Por outro lado, Sloterdijk conduz a reflexão para a análise sobre a identidade europeia, sobre a «essência da Europa», procurando alicerçá-la em bases plurais: ao longo da História, a Europa teve todas as identidades possíveis. A *Europa* de Sloterdijk é um complexo histórico-político que caiu na melancolia e precisa de se reinventar e abandonar hábitos enraizados.

Convirá sublinhar que a leitura deste excelente livro – *Se a Europa Acordar. Reflexões sobre o Programa dum Potência Mundial no Termo da sua Ausência Política* – será sempre problematizadora e fértil em oportunos desafios. Estas contribuições de natureza político-filosófica são enriquecidas pela inclusão, na edição portuguesa, de uma entrevista levada a efeito a Peter Sloterdijk por António Guerreiro, ensaísta e crítico literário do jornal *Expresso*, e que fica a constituir um útil manancial de perspectivas e abordagens únicas sobre a temática fulcral da obra. Esta encontra-se dividida em seis capítulos. São eles: «Império do Meio», «Absurdo, Frivolidade, Ausência: aspectos do vazio europeu (1945-1990)», «Conjunto de máximos: a fórmula da intensidade neo-europeia», «*Translatio Imperii*: transferência de poder como mito-motricidade europeia», «Do Império à União: a actual transferência do Império», «Continuar a pensar um continente: sobre o problema da política visionária».

Interrogações pertinentes e contínuas perpassam por toda a obra: O que é a Europa? Como acordá-la? O que deve constituir, hoje, a *intelligentsia* europeia? Que

tipo de poder deve ser exercido a partir de Bruxelas sobre a Grande Europa? A resposta a estas questões não é unívoca, mas plural.

Estamos certos que ao ler ou reler, esta obra, não deixaremos de nos sentir interpelados a reflectir sobre o nosso tempo e sobre a Europa contemporânea.

Isabel Maria Freitas Valente
Bolsreira de Doutoramento da FCT/CEIS20
Membro do *Team Europe*

TAYLOR, Frederick – *O Muro de Berlim. 13 de Agosto de 1961 – 9 de Novembro de 1989*. Lisboa: Tinta da China, 2007. 581 p. ISBN 978-972-8955-43-4.

Em 2007 foi publicada, pelas Edições Tinta da China, a obra de Frederick Taylor, *O Muro de Berlim. 13 de Agosto de 1961 – 9 de Novembro de 1989*. Trata-se de um livro com quinhentas e oitenta e uma páginas, ilustrado com dois mapas e trinta e três fotografias.

Apesar de dois anos volvidos sobre o seu lançamento, esta obra, que resulta de uma investigação extraordinariamente rigorosa, redigida ao ritmo de um *thriller* e com o estilo de uma reportagem, reveste-se de grande actualidade e interesse histórico, uma vez que a Alemanha e o Mundo assinalam, este ano, os vinte anos da queda do Muro de Berlim. Um acontecimento fulcral na História recente da Humanidade, que representou, não só o fim de décadas de divisão da cidade, mas também da bipolarização da Alemanha e do resto do Mundo. Um evento que fez despoletar o fim do comunismo e o colapso da União Soviética, que fomentou a fragmentação da Checoslováquia e da Jugoslávia e ditou profundas transformações no mapa político da Europa.

Frederick Taylor nasceu em Aylesbury, Buckinghamshire, no Sudeste de Inglaterra,

em 1948. Depois de ter frequentado diversas escolas públicas locais e a *Aylesbury Grammar School*, ingressou, em 1967, na Universidade de Oxford, onde estudou História e Línguas Modernas. Pós-graduou-se, posteriormente, na Universidade de Sussex, a primeira de uma nova vaga de universidades fundadas em Inglaterra nos anos sessenta. Aí foi-lhe atribuída uma bolsa de estudo Volkswagen, que lhe permitiu efectuar inúmeras viagens, tanto pela Alemanha Ocidental, como pela Alemanha de Leste, aprofundando as suas investigações sobre a extrema-direita alemã no período imediatamente anterior a 1918.

Desde então, tem trabalhado como editor, tradutor de ficção e não-ficção, romanista e guionista. Em 1982 traduziu e editou em língua inglesa *Goebbels Diaries 1939-41*, obra fundamental para o conhecimento do Nacional-Socialismo e dos primeiros anos do segundo conflito à escala mundial. Em 2004 escreveu *Dresden Tuesday 13 February 1945*, sobre o bombardeamento perpetrado pelos aviões da *Royal Air Force* (RAF) e da *USA Air Force* à capital da Saxónia. Este retrato da cidade, dos seus habitantes e da sua ainda hoje controversa destruição, transformou-se num *best-seller*, encontrando-se actualmente traduzido em dez línguas.

Em *O Muro de Berlim. 13 de Agosto de 1961 – 9 de Novembro de 1989*, publicado em Inglaterra em 2006 e, nos Estados Unidos, em Junho de 2007, Frederick Taylor narra a emocionante história da cidade que, na década de sessenta do século XX, com quase quatro milhões de habitantes, foi impiedosamente dividida em duas.

O autor começa por fazer uma retrospectiva histórica da evolução da cidade, desde o aparecimento da pequena povoação de Berlim, alguns séculos antes do nascimento de Cristo, nos bancos de areia da margem oriental do rio Spree, até à cidade massacrada, com os edifícios quase todos em ruínas, do final da Segunda Guerra Mundial.

Para, em seguida, esclarecer o leitor sobre a desconfiança mútua que sempre minou as relações entre as potências ocidentais e o seu antigo aliado soviético, assim como o clima de suspeição e de tensão que se instalou, após a realização da Conferência de Potsdam, entre as potências vencedoras, e que acabaria por transformar Berlim no principal palco da Guerra Fria e no protagonista de uma das suas maiores crises, o *Bloqueio* de 24 de Junho de 1948 a 11 de Maio de 1949.

A cidade voltaria a estar no centro das atenções de todo o mundo alguns anos mais tarde, na manhã do dia 13 de Agosto de 1961, quando milhares de berlinenses, muitos deles familiares e amigos, acordaram separados, por uma vedação de arame farpado, construída à pressa pela República Democrática Alemã.

A construção do Muro, numa operação surpresa que deixou os governos ocidentais estupefactos, foi levada a cabo, segundo Frederick Taylor, não para evitar a invasão dos ocidentais, mas para evitar a hemorragia demográfica emigratória dos povos de Leste para a Alemanha Federal.

Após dar conta da revolta sentida pelos berlinenses ocidentais e, especialmente, pelo presidente da Câmara de Berlim Ocidental, Willy Brandt, nas primeiras horas do «Domingo do arame farpado», o autor descreve os acontecimentos que se seguiram, desde os inúmeros prisioneiros feitos, às fugas, bem e mal sucedidas, passando pelos «Jogos do Muro» e pelo conhecido relato do «Comboio da Liberdade».

Sem esquecer a famosa visita do Presidente Kennedy, no dia 26 de Junho de 1963, «que representou um marco na tomada de consciência, por parte de Berlim Ocidental, do seu estatuto de farol da liberdade»¹.

¹ TAYLOR, Frederick – *O Muro de Berlim. 13 de Agosto de 1961 – 9 de Novembro de 1989*. Lisboa: Edições Tinta da China, 2007, p. 402.

O autor ajuda a compreender porque é que o famoso discurso, de grande carga emotiva, proferido pelo Presidente norte-americano, do cimo de uma plataforma provisória erguida em frente aos paços do concelho de Schöneberg, foi considerado, na ocasião, bastante inoportuno, quer pelos seus conselheiros, quer pela administração de Berlim Ocidental.

A insatisfação de todos aqueles que viviam, no fim de contas, naquilo que Taylor designa por «gaiola surrealista», terminaria, no entanto, no dia 9 de Novembro de 1989. A queda do Muro de Berlim, à semelhança da sua construção, deu-se numa única noite. Pouco mais de seis horas depois de uma atabalhoada conferência de imprensa e de uma campanha da imprensa ocidental, que pegou na confusa bola da regulamentação temporária das autorizações de saída, anunciada por Günter Schabowski, o porta-voz do Comité Central para os *media*, e a lançou para a frente, o Muro que «apartou famílias, estilhaçou vidas, destruiu trajectórias pessoais, penetrou nos pormenores mais ínfimos do quotidiano de gerações inteiras»², veio abaixo.

A queda foi seguida pela maior e mais louca festa de rua que o mundo já viu. E talvez, também por isso, inevitavelmente, por uma das maiores ressacas. Uma ressaca que só acabaria por chegar dois ou três anos após a reunificação da Alemanha e que, Frederick Taylor, analisa exaustivamente. O autor enuncia os principais problemas com que as duas Alemanhas se confrontaram e confrontam ainda hoje, concluindo que o maior castigo imposto pelo Muro à Alemanha de Leste foi o «roubo da esperança»

² ARAÚJO, António – Muro da vergonha. *Relações Internacionais*. Lisboa: Instituto Português de Relações Internacionais. Universidade Nova de Lisboa. N.º 17 (Mar. 2008) p. 161.

– a esperança num amanhã mais próspero e risonho.

No entanto e, como Frederick Taylor conclui, Berlim continua a ser Berlim. A cidade tem conseguido sobreviver e crescer unida. E, por isso, quando hoje deambulamos pela cidade, que adora divertir-se, e atravessamos a Porta de Brandemburgo, ou bebemos café numa das esplanadas da Unter den Linden, e sentimos os raios do sol que brilha, podemos até acreditar que «o Muro de Berlim foi, afinal, fruto de alguma mente mais perturbada»³.

Clara Serrano
Bolsista de Doutoramento da FCT/
CEIS20

TERZIS, Georgios (ed.) – *European Media Governance: The Brussels Dimension*. Bristol: Intellect Books, 2008. 216 p. ISBN 978-1-84150-198-7.

A abertura da Europa a uma nova era política e as profundas mudanças infligidas nas redes mediáticas a nível europeu constituem, hoje mais do que nunca, fenómenos concomitantes. Editada no âmbito do *European Journalism Centre* (EJC), instituição apostada numa reflexão sobre os desafios com que os media europeus se vêem confrontados, a obra de Georgios Terzis (Professor na *Vrije Universiteit Brussel* e membro do EJC) procura cruzar a dimensão comunicativa com o conceito de «Governança». Tarefa, no mínimo, complexa, se atendermos à arquitectura conceptual de uma noção que – situada na confluência de disciplinas como a Economia, Finanças, Política, Relações Internacionais, entre mui-

³ TAYLOR, Frederick – *O Muro de Berlim...*, p. 528.